

V Á R I A

31.^a Campanha de escavações no Castro de Carvalhelhos—1982

No prosseguimento do estudo do Castro de Carvalhelhos, a que o povo chama *Castelo dos Mouros* fez-se mais uma campanha de trabalhos de 24 de Julho a 10 de Agosto de 1982.

Em 24 de Julho abalei do Porto às 7 h da manhã.

Em Vila Real desviei para ir ver os trabalhos feitos no Castro de Sabrosa pelo Dr. Carlos Ervedosa.

Ao mesmo tempo, ali tirei fotografias de uma lápide epigrafada aparecida a fazer degrau numa porta da muralha virada a nascente.

Em *Campanha de trabalhos no Castro de Sabrosa—1981*, por Carlos Ervedosa, in «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», Fasc. 2.º, Vol. 24, Porto, 1982, págs. 351-355, se refere o aparecimento do «bloco granítico com inscrições» (pág. 352) e na pág. 353 se publica o desenho da face epigrafada e as interpretações daquela lápide sepulcral. As Est. II e III, figs. 5, 6 e 7, são as fotogravuras daquela lápide funerária.

No dia 25 domingo fui a Bêça para arranjar pessoal para trabalhar no Castro. Nada consegui.

Cada ano que passa é cada vez mais difícil conseguir pessoal jornalheiro.

Continuei na busca de pessoal. Consegui falar com 2 rapazes de 16 anos a ganharem 450\$00 por dia, e que trabalharam 4 dias na primeira semana.

Na segunda semana consegui mais 2 rapazes, e a Empresa das Águas de Carvalhelhos cedeu-nos 2 dos seus empregados.

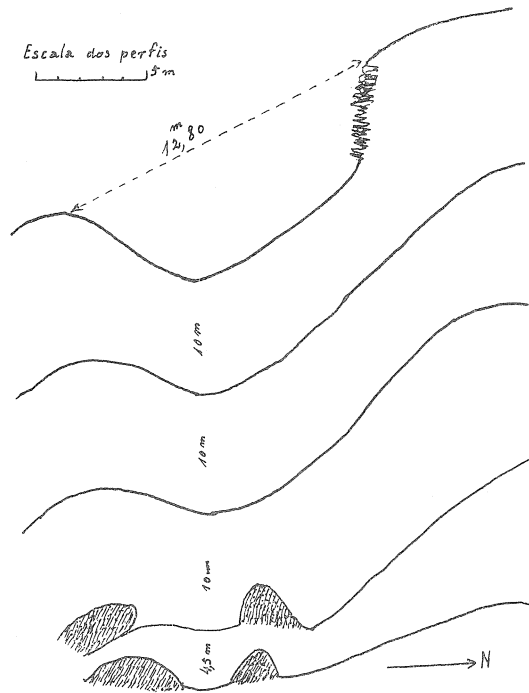


Fig. 1 — Esquema dos perfis da regueirão, fosso incipiente, de 10 em 10 m. No fundo, início do regueirão, os 2 perfis, estão ladeados por rochedos.

No plano de trabalhos para esta campanha figurava o prosseguimento do desentulhamento do terceiro fosso que no ano anterior ficou em meio fazer por se ter avariado a máquina escavadora; acabar a limpeza do fundo dos outros fossos; iniciar a prospecção do fosso incipiente que se estende de baixo



Fig. 2 — Porção cimeira do regueirão. O rapaz do 1.º plano está no meio do regueirão; o do 2.º plano marca o ponto onde acaba.

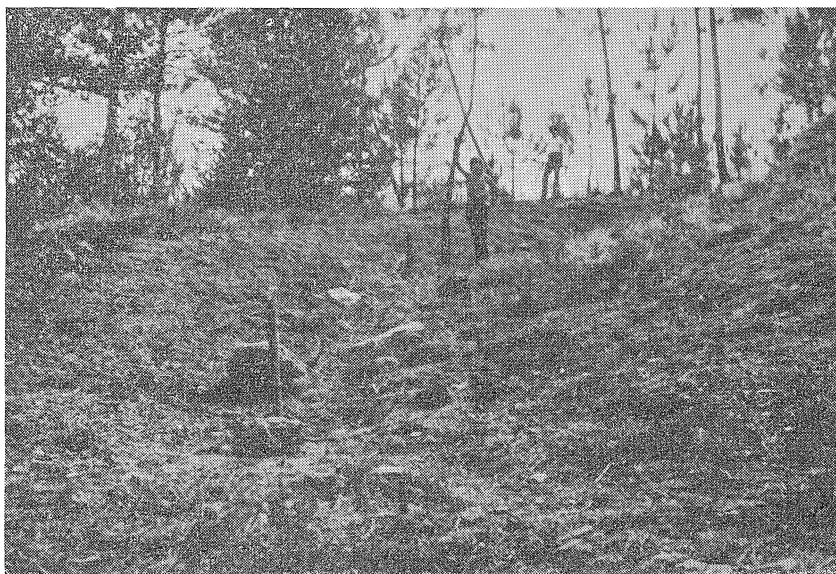


Fig. 3 — Outro aspecto do regueirão um tanto encurvado. As duas estacas espetadas a meio do mesmo estão separadas de 10 metros.

a cima na vertente do lado leste, e sensivelmente paralelo aos 2 profundos fossos que lhe ficam pelo norte.

Havia como nos mais anos o problema do mato, urze, carquejas, giestas, silvas, etc. que nos anos anteriores se tem cortado, e, sempre que possível, arrancado.

Como todos os anos o mato crescia viçoso, o que obrigava a cortes anuais, que acarretavam despesas e tempo perdido, resolvi iniciar nesta campanha, como experiência, o emprego de herbicidas e arbusticidas em pulverizações.

Compraram-se os arbusticidas Roundup e Monticida.

Uma camioneta da Empresa das Águas de Carvalhelhos levou ao terreiro junto do castro 3 bidões de 200 litros de água para a diluição dos arbusticidas (Figs. 6 e 7).

Nos dias seguintes um empregado da Empresa com um atomizador fez a pulverização da vegetação que cresce entre as pedras fincadas (Fig. 8). Depois foi pulverizado o reduto intramuralha (Fig. 9) e as cumieiras de separação dos vários fossos.

Por observação feita no mês de Outubro de 1982 e em Maio de 1983 verificamos que muitas das plantas pulverizadas secaram e outras estavam absolutamente emurchecidas. Isto nos leva a prosseguir com o emprego de arbusticidas na próxima campanha.

A Empresa não conseguiu máquina escavadora para rematar o desentulhamento do 3.º fosso, que, em campanha anterior, foi suspenso por avaria da máquina.

Bem era que se acabasse de desentulhar o que falta para limpar aquele fosso, o que se deve fazer em pouco mais de um dia a dia e meio de trabalho.

Procedeu-se à limpeza dos fundos dos fossos que convém todos os anos ficar bem limpos para a água da chuvas poder escorrer livremente consoante os respectivos pendores.

Aquilo que se pode considerar como um fosso incipiente é um regueirão, ligeiramente encurvado, com 44,5 m de com-



Fig. 4 — Parte cimeira do regueirão.

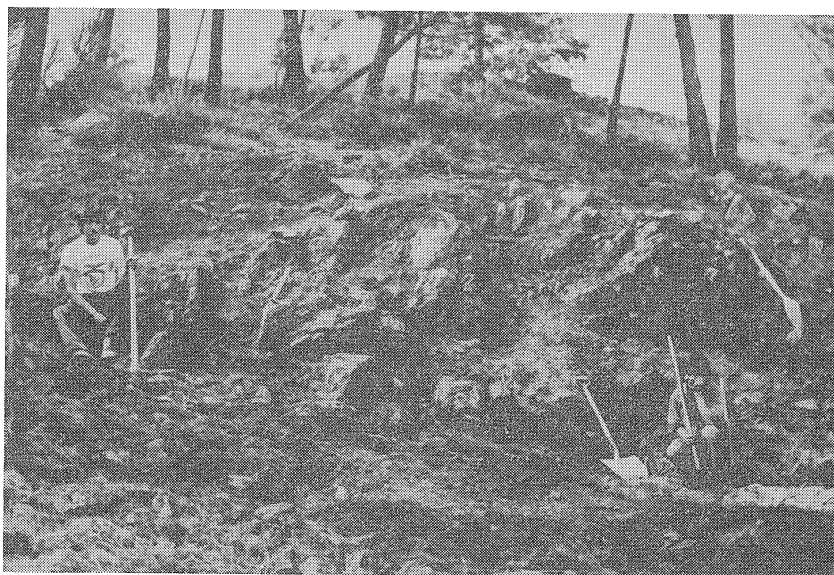


Fig. 5 — Afloramento de xisto que forma no alto a borda direita do regueirão.

primento, e boca de vários m, difícil de medir com precisão, dado que os lados são suavemente ascendentes, e o lado mais baixo, do sul, é em lombro de terra com altura variável. A fundura do regueirão é pequena, à volta de 1 m. Em alguns sítios um pouco mais.

No meio do regueirão havia algumas pedras relativamente pequenas, de vários tamanhos; algumas de granito.

O regueirão estende-se de cima a baixo, ou, melhor, de baixo a cima.

No seu começo, ao fundo da ladeira, há, como que uma entrada com 2,40 m de largura entre duas pequenas fragas de granito. Semelha um portelo.

Acima 4,5 m há outras duas pedras de granito que deixam entre si uma passagem de um pouco mais de 3 m (Fig. 1). Ali espetei a meio do regueiro uma estaca, e depois mais três estacas de 10 em 10 m, para, tomadas como referência, fazer esquemas dos perfis do regueirão segundo as linhas a passar pelas estacas (Fig. 1).

O talude à direita, ou seja do lado norte, é sempre rampa empinada, entre 10 e 11 m, de comprimento. Pela esquerda, lado sul, o regueirão é limitado por um baixo combro roliço, que parece ter sido feito apenas de terra.

Toda a rampa do talude do lado norte é de terra, menos no alto onde é rocha viva, de xisto, com 5 a 6 m de comprimento por 3 a 4 m de altura (Fig. 5).

Fiz sondagem neste afloramento de rocha viva que assentava em terra negra (vegetal?) com 1,00 a 1,20 m de altura a que se seguia o salão formado por saibro amarelo.

Na primeira oportunidade far-se-á escavação dum troço de 2 a 3 m da zona média do regueirão para averiguar se foi aberta em rocha, ou, como mais parece, em terra, e apurar a natureza do seu entulhamento.

Este regueirão, que durante muito tempo passou despercebido por densamente tapado pelo mato, afigura-se-nos bem estranho.

Pode interpretar-se como um fosso incipiente que apenas foi começado.



Fig. 6 — Camionete da Empresa das Águas de Carvalheiros que levou 3 bidões de 200 litros de água para aplicação dos arbusticidas.



Fig. 7 — A descarga dos bidões da água.



Fig. 8 — Pulverizando o mato crescido entre as pedras fincadas.



Fig. 9 — Pulverizando o mato, sobretudo carqueja, no recinto intramuralha.

Mas por que não teria prosseguido o seu afundamento?
E também pode perguntar-se.

Para quê mais um fosso, pelo lado de fora e paralelo aos dois grandes e fundos fossos que, ao lado e paralelamente, descem a encosta do castro virada a nascente?

Talvez tenha havido o propósito de o afundar a reforçar a linha de defesa formada pelos dois grandes fossos referidos, que se situam paralelos pelo lado norte.

Se houve intento de abrir mais um fosso talvez com a mesma fundura dos dois que se lhe seguem ao lado, pode também perguntar-se.

Que razão ou razões teriam levado a parar com o trabalho e a desistir no propósito de abrir mais um fosso, se é que houve tal propósito?

Ao olhar e ao percorrer aquele estranho regueirão não consegui uma explicação justificativa do mesmo.

É mais um problema que fica em suspenso, o que aliás não é raro suceder em vários aspectos do vasto e complexo âmbito de tantas particularidades arqueológicas.

Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Correia»
Faculdade de Ciências — Universidade do Porto
Abril de 1983.

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR *

Bolseiro do Inst. Nac. de Investigação Científica
Presidente da Soc. Portug. de Antropologia e Etnologia

* Quinta da Caverneira — Águas Santas — 4445 Ermesinde

Campanha de Trabalhos no Castro de Sabrosa em 1982

Durante a campanha deste ano prosseguimos os trabalhos de limpeza e restauro do castro, realizando-se as seguintes tarefas:

1. Limpeza do reduto cimeiro
2. Limpeza de parte da 2.^a muralha